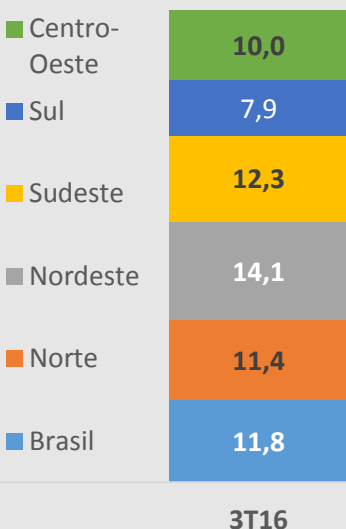
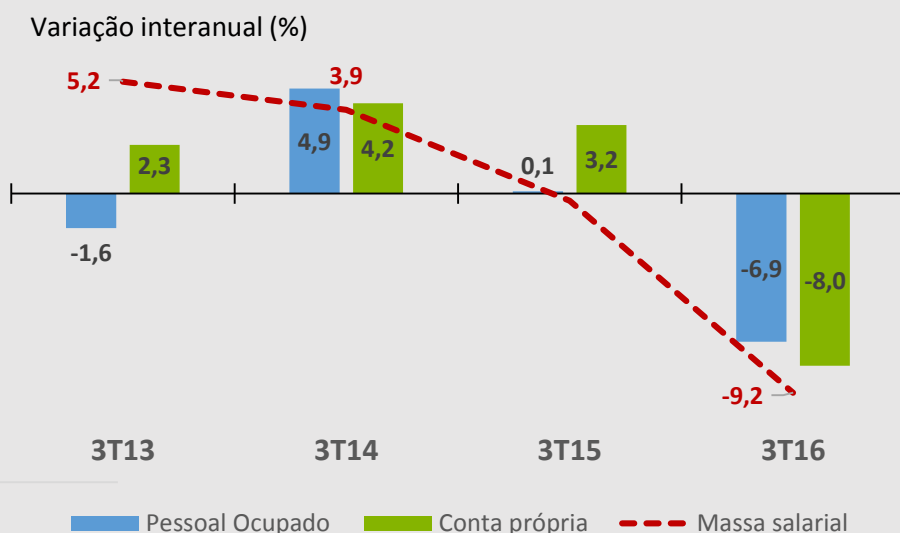


Agrava-se o quadro recessivo no Nordeste.

Taxa de desemprego (%)



Região Nordeste



A dinâmica no mercado de trabalho se manteve numa trajetória de deterioração ao longo de 2016. Em relação ao terceiro trimestre de 2015, a taxa de desemprego no Brasil subiu 2,9 pontos percentuais, enquanto na região mais atingida, Nordeste, a taxa de desemprego, no terceiro trimestre de 2016, alcançou 14,1%. Até 2015, apesar de substancial, a intensidade do ajuste no mercado de trabalho se deu de forma relativamente comparável entre as regiões brasileiras. Entretanto, a partir de 2016 houve piora significativa em diversos indicadores do mercado de trabalho da região Nordeste.

O cálculo da variação interanual da ocupação por setor de atividade, entre o terceiro trimestre de 2016 e o terceiro de 2015, permite elucidar algumas questões, quando se verifica que setores chave da economia nordestina apresentaram quedas expressivas na população ocupada: indústria (-273,0 mil), informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (-253,3 mil), agricultura, pecuária produção florestal, pesca e aquicultura (-284,2 mil), comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (-110,2 mil) e construção (54,9 mil). No total houve redução de 893,2 mil pessoas ocupadas, que correspondeu a 63,5% dos desligamentos líquidos ocorridos no Brasil. A magnitude dessa proporção revela-se pela participação modesta do Nordeste no total de pessoas ocupadas no Brasil: cerca de 24,1%.

Até início de 2016, embora o aumento de desemprego tenha sido relevante, foi atenuado pelo crescimento dos trabalhadores por conta-própria. Entretanto essa tendência se reverteu, de forma acentuada, a partir do terceiro trimestre de 2016, quando houve uma redução de 435 mil dos ocupados por conta-própria. Por fim, a queda na ocupação dos empregados e entre os conta-própria, somada ao desempenho ruim do rendimento médio, reduziu a massa salarial para R\$ 27,8 bilhões (em R\$ de setembro de 2016), o mesmo valor que se encontrava há três anos atrás.

Diga-se de passagem, nos últimos dez anos, o Nordeste cresceu acima da média nacional, obtendo importantes avanços econômicos (p.ex., diversificação do setor produtivo) e sociais (p.ex., redução da desigualdade regional), mas tendo como fio condutor desse dinamismo a expansão da renda (salário mínimo, programas de transferência) e do crédito. Como o foco da crise atual é fiscal, essa fonte de crescimento se esgotou sem nenhuma perspectiva que retorne na mesma intensidade dos últimos anos. A hora é de mudança, mas é difícil a correção de excessos em políticas de renda sem contrapartida na produtividade.